

XXIX

NOTÍCIAS INTERESSANTES

Em vista de apresentação mais íntima de Aniceto, que deixara as jovens em nossa companhia, entramos a conversar animadamente com Cecília e Aldonina. A primeira tinha sido filha dos Bancelar, quando na Crosta; a segunda era uma sobrinha do chefe da família, que aguardava a volta da mãezinha para a organização de um lar na cidade próxima.

Ambas demonstravam magnífico desenvolvimento mental, robusta inteligência e notável capacidade de expressão.

E, enquanto os nossos maiores se conservavam afastados, cogitando de assunto privado, Vicente e eu ouvíamos as jovens, encantados com a sua nobreza e vivacidade.

Verificava que o quadro era idêntico à paisagem social da Terra, apenas diferindo quanto aos sentimentos reais. Não havia qualquer nota de falsa apresentação. Em tudo a alegria pura, a simplicidade fiel, a sinceridade sem mácula.

No desenvolvimento espontâneo da palestra, falou Cecília, com graça:

— Estou trabalhando, há muito, por alcançar um prêmio de visita a "Nosso Lar". Minhas superiores prometeram-me semelhante satisfação para o ano próximo...

E, sorrindo, rematou expressivamente:

— Entretanto, para consegui-lo, tenho de atender a umas tantas obrigações importantes.

— Pois que? — perguntou Vicente, admirado — é preciso tanto?

— Sem dúvida — tornou a jovem, bem humorada — o meu amigo talvez não esteja convencido, quanto ao brilho de sua atual posição. Viver em "Nosso Lar" é uma grande bênção. Acaso não o terá compreendido ainda?

Sorrimos todos. E, reafirmando o conceito, Cecília continuou:

— Segundo os instrutores que nos visitam em "Campo da Paz", os seus Ministérios são verdadeiras universidades de preparação espiritual. O ensejo educativo, nêles, é imenso. E chego a crer que, para avaliarem a extensão da benesse que Jesus lhes concedeu, seria necessário viverem alguns anos em nossa colônia, onde o trabalho ativo de vigilância e assistência, é mais imperioso, mais exigente.

— Em "Nosso Lar", porém — objetei — temos igualmente grande número de sofredores. A Regeneração é uma colméia de milhares.

A interlocutora, todavia, revelando profunda acuidade nas observações, considerou:

— Você diz muito bem, quando se refere à colméia, significando possibilidades de trabalho. Creia que os sofredores que atingem o seu núcleo já se encontram a caminho de excelentes realizações. Naturalmente que os irmãos desequilibrados, que por lá existem, já se torturam pelo vagaroso despertar da consciência, já sentem remorsos e arrependimentos indicativos de renovação. São sofredores que melhoram progressivamente, porque o ambiente da cidade é de elevação positiva. Onde a maioria vive com a bondade, a maldade da minoria tende sempre a desaparecer. "Nosso Lar", portanto, mesmo para os que choram, possui soberanas vantagens espirituais.

Impressionado com o que ouvia, lembrei:

— Eu mesmo trabalhei algum tempo, em co-
operação, nas câmaras retificadoras.

— Já ouvi diversas referências a essa instituição — exclamou Cecília, senhora do assunto — mas,

baseando-me nos informes de mentores amigos, continuo a manter minha opinião.

E, como se já conhecesse nossos processos de serviço, asseverou sorridente:

— Vocês conhecem lá muitos Espíritos sofredores, mas, em “Campo da Paz”, conhecemos muitos Espíritos obsessores. Lá poderá existir muita gente que ainda chora; mas em nosso meio há muita gente que se revolta. E’ mais fácil remediar ao que geme, que atender ao revoltado. Nas câmaras a que se refere, vocês retificam erros que já apareceram, dores que já se manifestaram; mas aqui, meu amigo, somos compelidos a lutar com irmãos ignorantes e perversos, que se sentem absolutamente certos nas fantasias perigosas que esposaram, e vemo-nos obrigados a atender a doentes que não acreditam na própria enfermidade.

Começava a entender a lógica daquela argumentação, e, reconhecendo a impossibilidade de qualquer contradição, a jovem continuou, segura de si:

— Aliás, é natural que assim seja. Estamos a pouca distância dos homens, nossos irmãos na carne. E sabemos que, na Crosta, a situação não é diferente. Quantos materialistas se fantasiam, por lá, de filósofos? Quantos demônios com capa de santos? Quanta má fé a fingir generosidade e boas intenções? A influência da humanidade encarnada em nosso núcleo de serviço é vigorosa e inevitável.

Vicente, que ouvia atencioso, obtemperou:

— Deduzo de tudo isso manifestações sacrificiais muito grandes, mas o trabalho em “Campo da Paz” deve ser altamente meritório.

— Incontestavelmente — respondeu a jovem. — A história da fundação é interessante. Alguns benfeitores, reconhecidos a Jesus, resolveram organizar, em nome d’ele, uma colônia em plena região inferior, que funcionasse como instituto de socorro imediato aos que são surpreendidos na Crosta com a morte física, em estado de ignorância ou de culpas dolorosas. O projeto mereceu a bênção do

Senhor e o núcleo se criou, há mais de dois séculos. Nem todos os Espíritos envolvidos, no entanto, estimam o serviço nesse órgão de assistência constante. A maioria dos missionários vitoriosos, ao se ausentarem da Terra, necessitam refazer energias por direito natural do trabalhador fiel, e os mentores de nobre posição hierárquica têm seus programas de serviço, que não devem quebrar, em obediência aos desígnios do Senhor. Dêsse modo, nosso serviço é ativo, mas nossas aquisições são lentas e devemos sempre esperar por cooperadores que se eduquem na própria colônia, em benefício geral. Ganha-se excelente compensação, temos direito a grandes valores intercessórios, mas, por isso mesmo, nossas responsabilidades não são pequenas. Conhecendo a utilidade dos que servem em nossa colônia, não passamos nunca sem instrutores abnegados, que procedem da zona superior, alentando-nos o bom ânimo. O que pedimos, com fundamentação legítima, nunca é negado; e, se tarda o recurso, beneméritos orientadores de nossas atividades enviam explicações que nos libertam de qualquer angústia na espera. Por isso, nosso grupo está sempre coeso e muitos preferem adiar certas realizações sublimes, para permanecer ao lado de companheiros antigos, aos quais se unem com desvelado amor.

Os esclarecimentos da jovem encantavam-me. Naquelas poucas palavras estava todo um resumo de lições sobre o sacrifício e o merecimento, o compromisso fraterno e a solidariedade compensadora.

— A sua família sempre viveu lá? — perguntei com interesse.

A jovem sorriu e explicou:

— Meu pai, há mais de cinquenta anos, foi socorrido pelos benfeitores de “Campo da Paz” e, restabelecida a saúde espiritual, fixou-se na colônia, com razoável impulso de amizade e gratidão. Mais tarde, minha mãe reuniu-se a ele e, faz precisamente vinte anos, Aldonina e eu fomos atraí-

das amorosamente por ambos, afim de continuarmos, ali, no santuário familiar. Dêsse modo, trabalhamos junto deles, desde a primeira hora.

— E tem muitos programas para o futuro? — indaguei.

Cecília fez um gesto que lhe caracterizava o coração de moça sonhadora, e redarguiu:

— Tenho muitos projetos e problemas a resolver, mas estou aguardando a chegada de alguém que ainda se encontra na Terra.

XXX

EM PALESTRA AFETUOSA

Voltávamo-nos em conversação amiga para as belezas de "Nosso Lar", quando Aldonina interveio, acrescentando:

— Alguns membros de nossa família visitam a cidade de vocês, de tempos a tempos. Nossa irmã Isaura, que se casou em "Campo da Paz", há três anos, lá reside em companhia do espôso, que é funcionário dos Serviços de Investigação do Ministério do Esclarecimento.

Percebendo-nos a curiosidade, prosseguiu:

— Morava êle conosco, mas, desde muito tempo, foi convocado a serviços por lá, vindo, mais tarde, buscar a noiva.

Vicente, que se mantinha em atitude expectante, exclamou:

— Tocamos num assunto que muita admiração me tem despertado, desde que regressei dos circuitos terrenos. Não tinha, no mundo, a menor idéia de que pudéssemos cogitar de uniões matrimoniais, depois da morte do corpo. Quando assisti a festividades dessa natureza, em "Nosso Lar", confesso que minha surpresa raiou pela estupefação.

Cecília, vivaz, acentuou, sorrindo:

— Isto se deu também conosco. Entretanto, é forçoso reconhecer que tal estado da alma resulta do exclusivismo pernicioso a que nos entregamos no plano carnal, porque, se o casamento humano é um dos mais belos atos da existência na Terra, por que deixaria de existir aqui, onde a beleza é sempre mais quintessencial e mais pura? E, além do mais, é imprescindível ponderar que não vivemos à revelia de leis sábias e justas.